

| Publicação Oficial do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais | nº 11 - setembro/dezembro de 2012 | ISSN 2175-5280 |

Editorial | João Paulo Orsini Martinelli | Entrevista | Alberto Silva Franco e Dyrceu Aguiar Dias Cintra Jr. entrevistam Ranulfo de Melo Freire | Artigos | O juiz como um terceiro manipulado no processo penal? | Uma confirmação empírica dos efeitos perseverança e correspondência comportamental | Bernd Schünemann | Há espaço para o conceito de ação na teoria do delito do século XXI? | José Danilo Tavares Lobato | A escola correccionalista e o direito protetor dos criminosos | Giancarlo Silkunas Vay | Tédney Moreira da Silva | Crimigração, securitização e o Direito Penal do crimigrante | Maria João Guia | Reflexão do Estudante | Breves notas sobre o funcionalismo de Roxin e a teoria da imputação objetiva | Glauter Del Nero | Fernanda Rocha Martins | Milene Mauricio | Artigo coordenado por: Alexis Couto de Brito | Humberto Barrionuevo Fabretti | História | A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo | Bruno Moraes Di Santis | Werner Engbruch | Artigo coordenado por: Fábio Suardi D'elia | Resenha de Livro | As reminiscências do humanismo de Beccaria no direito brasileiro | Bruna Monteiro Valvasori | Fernanda Fazani | Luiza Macedo Vacari | Matheus Rodrigues Oliveira | Michelle Pinto Peixoto de Lima | Schleiden Nunes Pimenta | Artigo coordenado por: João Paulo Orsini Martinelli | Regina Celia Pedroso | Resenha de Filme | Minority Report – a nova lei e velhos devaneios repressivistas | Danilo Dias Ticami | Poliana Soares Albuquerque | Resenha de Música | “Diário de um detento” – o dia do massacre do Carandiru | Marília Scriboni

Expediente

Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

revista
Liberdades.

DIRETORIA DA GESTÃO 2011/2012

Presidente: Marta Saad

1º Vice-Presidente: Carlos Vico Mañas

2º Vice-Presidente: Ivan Martins Motta

1ª Secretária: Mariângela Gama de Magalhães Gomes

2ª Secretária: Helena Regina Lobo da Costa

1º Tesoureiro: Cristiano Avila Maronna

2º Tesoureiro: Paulo Sérgio de Oliveira

Assessor da Presidência: Rafael Lira

CONSELHO CONSULTIVO

Alberto Silva Franco, Marco Antonio Rodrigues

Nahum, Maria Thereza Rocha de Assis Moura,

Sérgio Mazina Martins e Sérgio Salomão Shecaira

Publicação Oficial do

Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

Coordenador-chefe da Revista *Liberdades*:

João Paulo Orsini Martinelli

Coordenadores-adjuntos:

Camila Garcia da Silva; Luiz Gustavo Fernandes;

Yasmin Oliveira Mercadante Pestana

Conselho Editorial:

Alaor Leite

Alexis Couto de Brito

Cleunice Valentim Bastos Pitombo

Daniel Pacheco Pontes

Giovani Agostini Saavedra

Humberto Barrionuevo Fabretti

José Danilo Tavares Lobato

Luciano Anderson de Souza

Editorial

João Paulo Orsini Martinelli 4

Entrevista

Alberto Silva Franco e Dyrceu Aguiar Dias Cintra Jr. entrevistam Ranulfo de Melo Freire 6

Artigos

O juiz como um terceiro manipulado no processo penal?

Uma confirmação empírica dos efeitos perseverança e correspondência comportamental ... 30

Bernd Schünemann

Há espaço para o conceito de ação na teoria do delito do século XXI? 51

José Danilo Tavares Lobato

A escola correcionalista e o direito protetor dos criminosos..... 69

Giancarlo Silkunas Vay | Tédney Moreira da Silva

Crimigração, securitização e o Direito Penal do crimigrante 90

Maria João Guia

Reflexão do Estudante

Breves notas sobre o funcionalismo de Roxin e a teoria da imputação objetiva..... 121

Glauter Del Nero | Fernanda Rocha Martins | Milene Mauricio

Artigo coordenado por: Alexis Couto de Brito | Humberto Barrionuevo Fabretti

História

A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo 143

Bruno Morais Di Santis | Werner Engruch

Artigo coordenado por: Fábio Suardi D'elia

Resenha de Livro

As reminiscências do humanismo de Beccaria no direito brasileiro 161

Bruna Monteiro Valvasori | Fernanda Fazani | Luiza Macedo Vacari | Matheus Rodrigues Oliveira

Michelle Pinto Peixoto de Lima | Schleiden Nunes Pimenta

Artigo coordenado por: João Paulo Orsini Martinelli | Regina Celia Pedroso

Resenha de Filme

Minority Report – a nova lei e velhos devaneios repressivistas..... 179

Danilo Dias Ticami | Poliana Soares Albuquerque

Resenha de Música

“Diário de um detento” – o dia do massacre do Carandiru 191

Marília Scriboni

“Diário de um detento” – o dia do massacre do Carandiru

Marilia Scriboni

Bacharelada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Integrante do Laboratório de Ciências Criminais do IBCCRIM.

Jornalista.

O sol do detento e o que a sociedade perde com a peneira

Um filme, uma canção ou qualquer outra obra de arte falam muito mais acerca do tempo no qual foram produzidas do que sobre o tempo que retratam. A conexão é certa e pode ser identificada, por exemplo, na enxurrada de filmes que Hollywood produziu com a temática da cultura do medo e apocalíptica pós atentados de 11 de setembro. Parte desses produção intelectual, além disso, é alvo de preconceito, como o funk carioca, brilhantemente estudado por Danilo Cymrot na dissertação de mestrado *A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica*, defendida na Universidade de São Paulo.

Em seu trabalho, Cymrot escreve que:

“em um contexto sócio-econômico no qual amplas parcelas da população constituem o excesso do exército industrial de reserva, elas se tornam supérfluas, descartáveis, e a lógica da disciplina, que guiou a modernidade, é substituída pela lógica do controle. Não há porque investir mais em instituições disciplinares como a escola e a fábrica, nem em uma política criminal que busque a reintegração do condenado aos setores produtivos, uma vez que nem todos podem ser produtivos nem consumir na pós-modernidade”.

O preconceito de produtor não se restringe ao batidão. Outro estilo musical que recebe o mesmo tratamento é o *rap* paulista, em uma clara demonstração de *labeling approach*, no qual os MCs são vistos tão somente como jovens pobres, negros e moradores das favelas.

resenha
de livro

resenha
de filme

resenha
de música

Dois sóis

O sol do preso está no ralo. “*Tem uma cela lá em cima fechada/ Desde terça-feira ninguém abre pra nada/ Só o cheiro de morte e Pinho Sol/ Um preso se enforcou com o lençol*”, narra a canção *Diário de um detento* sobre o massacre do presídio do Carandiru. Já desativado, o espaço foi cenário de uma batalha que culminou na morte de 111 presidiários, ocorrida há quase exatos 20 anos, em 2 de outubro de 1992.

Letra e música estão no álbum *Sobrevivendo no inferno*, lançado pelo grupo de rap Racionais MC’s em 1997. “*Amanheceu com sol, dois de outubro/ Tudo funcionando, limpeza, jumbo/ De madrugada eu senti um calafrio/ Não era do vento, não era do frio/ Acertos de conta tem quase todo dia/ Ia ter outra logo mais, eu sabia*”, relembra a canção sobre aquele fatídico dia. “*Dois ladrões considerados passaram a discutir/ Mas não imaginavam o que estaria por vir/ Traficantes, homicidas, estelionatários/ Uma maioria de moleque primário/ Era a brecha que o sistema queria*”, prevê. A chacina aconteceu no Pavilhão 9, para onde eram alocados os réus primários.

A letra faz alusão, ainda, de forma sutil, a Ubiratan Guimarães, o Coronel Ubiratan, da Polícia Militar, acusado e mais tarde inocentado de ser o responsável pela chacina: “*Avise o IML, chegou o grande dia/ Depende do sim ou não de um só homem/ Que prefere ser neutro pelo telefone*”.

Um dos autores da letra, o ex-detento Josemir José Fernandes Prado, o Jocenir, tem propriedade em sua voz. Ele traduziu em poesia a memória de oito sobreviventes da rebelião e transformou a canção no hino por excelência dos manos de Osasco, Jardim D’Abril, Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela, Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis, como canta Mano Brown, o vocalista do grupo de rap. É também dele *Diário de um detento: o livro* (Labortexto Editorial, 180 páginas). Todos os quatro anos de sua experiência no cárcere são contados no livro. Libertado por bom comportamento, antes da prisão o escritor cursou até o segundo ano do curso de Administração de Empresas no município de Osasco, na Grande São Paulo.

Sua passagem pelo complexo começou quando foi preso em 1994, quando, alega, foi detido em frente ao depósito em que o irmão mantinha cargas roubadas. Cumpriu pena por formação de quadrilha. Vindo da classe média, empregou seu conhecimento para ganhar a simpatia dos colegas de cela, que o rechaçavam, no começo, por não usar drogas. Ganhou o apelido de “Tiozinho da Caneta”. Ali mesmo conheceu Mano Brown, vocalista do Racionais. A ideia de uma parceria veio logo depois.

resenha
de livroresenha
de filmeresenha
de música

Juntos, Mano Brown e Jocenir fizeram da canção o maior sucesso do álbum. Para se ter ideia do alcance do manifesto, *Diário de um detento* ultrapassou as barreiras das periferias e conquistou um respeitável 52.º lugar na lista das 100 maiores músicas brasileiras elaboradas e publicadas pela revista especializada Rolling Stone.

Diário de um detento fala de repressão (“*Aqui estou, mais um dia/ Sob o olhar sanguinário do vigia/ Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK/ Metralhadora alemã ou de Israel/ Estraçalha ladrão que nem papel*”), da família dos detentos (“*Preciso evitar/ que um safado faça minha mãe chorar/ Minha palavra de honra me protege/ pra viver no país das calças bege*”) e de como a sociedade fecha os olhos para um local que era uma panela de pressão, dividido por facções (“*Mais um metrô vai passar/ Com gente de bem, apressada, católica/ Lendo jornal, satisfeita, hipócrita/ Com raiva por dentro, a caminho do Centro/ Olhando pra cá, curiosos, é lógico/ Não, não é não, não é o zoológico/ Minha vida não tem tanto valor/ quanto seu celular, seu computador*”).

Se todo réu é um oprimido, como refletiu o advogado Waldir Troncoso Peres, o detento também o é. No cárcere, nada sabem os condenados sobre o mundo além das grades. Pior: como anda o cumprimento de sua pena. A presença periódica de um juiz de execução é, por vezes, um anseio que não passa de incerteza (“*Será que Deus ouviu minha oração?/ Será que o juiz aceitou a apelação?/ Mando um recado lá pro meu irmão:/ Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão*”). A letra marcada e objetiva, em ritmo crescente, revela dados importantes do cotidiano das celas. Fala, por exemplo, em como o condenado por estupro, o crime dos crimes, é visto pelos demais companheiros: “*Mato o tempo pra ele não me matar/ Homem é homem, mulher é mulher/ Estuprador é diferente, né?/ Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,/ e sangra até morrer na rua 10*”. O condenado pelo crime tem como destino um espaço à parte, o chamado “seguro”, na linguagem do cárcere. É a prisão dentro da prisão. Não há banho de sol. Ele fica, literalmente, nas mãos do Estado. Sobreviver ou morrer depende da existência do local. Jocenir, conta, começou a escrever para ser aceito pelos demais companheiros de cela, já que não usava drogas. Foi escrevendo cartas que conquistou popularidade em seu espaço. “*Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,/ sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,/ sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo/ Misture bem essa química./ Pronto: eis um novo detento.*”

A onomatopeia “ratatátá”, que imita o som dos disparos, marca passagens da narrativa. A imagem mais forte, contudo, talvez seja o trecho “*Ratatátá! sangue jorra como água/ Do ouvido, da boca e nariz/ O Senhor é meu pastor.../ perdoe o que seu filho fez/ Morreu*

resenha
de livroresenha
de filmeresenha
de música

de bruços no Salmo 23,/ sem padre, sem repórter/ sem arma, sem socorro". Os versículos da passagem bíblica são conhecidíssimos: *"Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome/ Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam/ Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda"*.

Além de oprimido, a canção afirma: o detento é um desacreditado. *"Rátátátá, Fleury e sua gangue vão nadar numa piscina de sangue/ Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia 3 de outubro, diário de um detento"*, canta Mano Brown.

Jocenir e Mano Brown também falam sobre o anacronismo das penas privativas de liberdade, sua falta de eficácia e a humilhação. *"Nove pavilhões, sete mil homens/ Que custam trezentos reais por mês, cada/ Na última visita, o nequinho veio aí/ Trouxe umas frutas, Marlboro, Free.../ Ligou que um pilantra lá da área voltou/ Com Kadett vermelho, placa de Salvador/ Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa/ com uma nove milímetros embaixo da blusa"*.

Jocenir classifica os policiais militares que participarem do massacre como "cachorros assassinos". E completa: *"Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!/ O ser humano é descartável no Brasil/ Como modess usado ou Bombril [...] Fumaça na janela, tem fogo na cela. Fudeu, foi além, se pã!, tem refém/ Na maioria, se deixou envolver/ por uns cinco ou seis que não têm nada a perder"*.

O sol do preso está no ralo. Quem fica no seguro não toma banho de sol. *"O dia tá chuvoso/ O clima tá tenso"*, dizem os versos. *"Hoje, tá difícil, não saiu o sol. Hoje não tem visita, não tem futebol"*, insiste *"Diário de um detento"*.

resenha
de livroresenha
de filmeresenha
de música